

NOTÍCIAS/RECENSÕES – NOTICIAS/RECENSIONES – NEWS/CRITICS

Hochschild, A. (1997). *The time bind: When Work becomes Home and Home becomes Work*. New York: Henry Holt and Company.

O livro de *The Time Bind* de Arlie Hochschild foi publicado pela primeira vez em 1997, tendo sido considerado um dos livros mais influentes da década de 90 subordinado ao tema das relações trabalho-família.

Nos anos 70 os pioneiros trabalhos de Rosabeth Kanter inauguraram a temática das relações trabalho-família enquanto tema de estudo no contexto organizacional. A primeira revisão de estudos sobre as interações entre o exercício dos papéis profissionais e familiares na sociedade americana, feita por Kanter, contribuiu, de forma decisiva, para a divulgação deste tema enquanto domínio de investigação. Deste modo, e após inaugurada uma nova vaga de estudos que se centram na identificação das determinantes sociais que orientam tanto a vida familiar como os contextos de trabalho e que tipificam as relações entre estes dois contextos de vida, surge, ainda, e entre outras, a preocupação com as práticas de equidade de género, tanto no trabalho como na família, temática também largamente explorada pelas correntes feministas, a partir dos anos 80. Estes estudos, na sua globalidade, vieram dar às relações trabalho-família uma ênfase particular enquanto objecto de estudo científico, o que não tardou a traduzir-se em intervenções sociais em áreas específicas.

É nesta linha que o livro *The Time Bind* de Arlie Hochschild ganha destaque. O livro desenvolve-se em torno de uma investigação qualitativa levada a cabo pela autora junto de uma multinacional que designa por *Amerco*. O estudo permite concluir que a maioria das famílias em que ambos os elementos do casal integram o mercado de trabalho, em geral, cumpre horários de trabalho entre as 8 horas da manhã e as 18 ou 19 horas, o que implica que os horários de trabalho sejam bastante mais extensos do eram na década de 50. Horários de trabalho de 10 a 11 horas afectam de forma notória a vida em família. A autora descreve os seus resultados de forma calma e metódica sem excluir um tom subversivo da sua mensagem que enfatiza que os longos horários de trabalho se devem às exigências da nova economia.

A proposta de Arlie Hochschild indica que trabalhamos longas horas porque gostamos e porque nos sentimos melhor no trabalho do que na vida familiar. Esta proposta, envolve, entre outros que a vida familiar tenha deixado de ser um refúgio para passar a ser um contexto de tensão e de *stress* com impacto nas crianças.

A empresa estudada, a *Amerco* apresenta uma série de políticas *Family-Friendly*, nomeadamente, programas de promoção de *Work-Life Balance*. Contudo, apenas 53 colaboradores, todos eles mulheres, dos 21000 colaboradores da empresa, escolheram trabalhar em regime de *part-time* depois do nascimento do um filho. Para além disto, e apesar de estar previsto nas políticas da empresa, apenas 1% trabalha em casa e a maioria dos colaboradores não usa todos os dias de férias de que dispõe.

A razão subjacente a esta “opção” prende-se, de acordo com a autora, com o facto de a *Amerco* ter uma cultura organizacional de *workaholic* onde os colaboradores são avaliados em função do número de horas que passam na mesma. Como refere um dos entrevistados «não interessa o volume de trabalho que tem que ser feito mas sim o tempo que se passa na empresa». Para além disso, alguns colaboradores referem abertamente o gosto pelo trabalho revelando um dos aspectos mais marcantes da cultura americana que se assume como o *love of work*. Este aspecto é ainda documentado por entrevistados que, quando a autora invoca os aspectos emocionais da vida em família, refere «eu venho para o trabalho para relaxar».

Assim, a *Amerco* tornou-se uma casa para os seus colaboradores: tem um ambiente tranquilo e amigável, onde os colaboradores encontram nos seus colegas amigos, onde se celebram os aniversários e outras datas importantes, onde se desenvolvem relações afectivas, etc. Por outro lado, a vida familiar torna-se também um outro local de trabalho. Com a crescente feminização do mercado de trabalho mas também a tarefas de manutenção do lar tornam-se também objectos de avaliação social. Por exemplo, uma das entrevistadas menciona que avalia o seu desempenho como mãe através das percepções de bem-estar dos seus filhos e do tempo que tem para estar com eles. As crianças ficam assim expostas ao estilo-fábrica, sujeitas às mesmas pressões de tempo para efectuarem as suas actividades ou mesmo para partilharem as suas emoções e necessidades com os seus progenitores. Para além disto, a vida em família também passou, tal

como na fábrica, a subcontratar algumas das suas actividades e tarefas, por exemplo às empregadas domésticas e aos terapeutas.

Devolve-se, assim, um ciclo em que a vida em família, devido à falta de tempo se torna mais complexa onde as dificuldades que as crianças apresentam, o descontentamento dos esposos, os inconvenientes dos enteados, as exigências dos idosos, entre outros, tornam a vida familiar muito penosa. Por outro lado, a vida profissional torna-se um local de tranquilidade e de satisfação. Para ilustrar este aspecto, um dos entrevistados refere-se aos seus subordinados como as “suas crianças” chegando a referir que é mais fácil lidar com estas “crianças” do que com os próprios filhos. Os problemas sentidos na vida familiar são de tal maneira importantes que a empresa chega a desenvolver seminários de formação para os seus colaboradores para melhor lidarem com os problemas da sua vida pessoal.

A autora termina a sua obra fazendo um apelo para um movimento “a favor do tempo” que permite aos trabalhadores reduzir as suas longas horas de trabalho.

A actualidade desta questão parece permanecer nos dias de hoje onde as promessas de integração equilibrada da vida pessoal, familiar e profissional se vêem ameaçadas por pressões de natureza económica em que o factor humano aparece como “subjugado” a valores economicistas que por certo, para além de resultados ambíguos em termos de produtividade contribuirão para sentimentos de insatisfação e de diminuição da qualidade de vida.

Cláudia Andrade¹

Congresso *Why “Culture”?* Coimbra International Conference on the Semantics of Culture.

Realizado nos dias 24 e 25 de Novembro de 2011, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, organizado pelo grupo de investigação “Individação na Sociedade Moderna e Contemporânea” (Coordenador: Prof. Dr. Edmundo Balsemão Pires), da Unidade I&D LIF – Linguagem, Interpretação, Filosofia –, Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação.

Breviário

Provenientes de várias instituições de ensino, nacionais e internacionais, e especialistas em domínios disciplinares distintos –

filosofia, antropologia, ciências da comunicação, ciências musicais, etc. –, os conferencistas do congresso *Why “Culture”? Coimbra International Conference on the Semantics of Culture* trouxeram à reflexão e ao debate múltiplas questões sobre o universo cultural e sobre as suas interpretações e implicações teórico-científicas. Das temáticas propostas para o congresso resultou um programa com uma forte vertente interdisciplinar – facto este que pode atestar do apreciável interesse que a reflexão sobre a questão da “cultura” ainda consegue reunir no seio do universo científico. Porém, trazer à reflexão filosófica uma inquirição interdisciplinar sobre a cultura é, desde logo, uma tarefa assaz difícil, pois do envolvimento do conceito de cultura em cada domínio científico tende a derivar, muitas vezes, uma carência de distanciamento crítico concernente à pregnância semântica que o conceito vai adquirindo. Um dos objectivos do congresso era, precisamente, esse, a saber: encorajar às operações reflexivas sobre os múltiplos significados que se vão inscrevendo nos discursos sobre os fenómenos culturais. E, se os congressos revelam quase sempre certas tensões epistemológicas relativas ao objecto programático em debate, o evento *Why “Culture”?* não quebrou a regra. Pelo contrário. Observados de forma concisa, os temas apresentados a discussão – que tanto abrangeram os domínios filosóficos da mediação como os domínios da comunicação de massas – colocaram os participantes perante as linhas intermutáveis que atravessam as questões da individuação e as da projecção-identificação socioculturais. Se as primeiras despertaram reflexões sobre o espaço normativo que o conceito de cultura vem abrir para a elucidação da relação entre indivíduo e sociedade, já as segundas conduziram o debate para uma visão pragmática das diversas formas de objectivação, incorporação e difusão das práticas sociais. Entre outros tópicos abordados, destacam-se as considerações relativas: 1) à acção exercida pelas formas de mediação – linguísticas, imagéticas, ritualísticas – na construção e observação das dinâmicas sociais; 2) às dimensões somáticas inerentes à articulação dos objectos culturais, presentes quer nas artes performativas quer na alteridade comunicacional; 3) à criação de discursos – filosóficos e extrafilosóficos – de identificação, reificação e imposição culturais, como aqueles veiculados pelas narrativas de diagnóstico e pelas ditas “filosofias nacionais”; 4) aos aspectos semânticos do conceito de cultura na história do pensamento filosófico, nomeadamente a genealogia teórica que deriva da filosofia kantiana e da antropologia herderiana.

Estas últimas considerações conduziram os intervenientes para uma análise do pensamento filosófico e sociológico no séc. XX sobre a cultura, em que autores como Georg Simmel e Ernst Cassirer se vieram a destacar, tanto pela reavaliação do pensamento kantiano da cultura, como pela edificação e definição de uma “Filosofia da Cultura” que ultrapassasse a tradicional oposição entre natureza e espírito.

Por último, e não menos importante, aqui convém fazer referência à considerável adesão por parte dos docentes e dos estudantes da Universidade de Coimbra, que, embora condicionados pelas normais exigências lectivas, não deixaram de marcar presença nos dias do congresso e de acrescentar ao debate relevantes pontos de discussão.

Joaquim Braga²

Congreso Educación, Música y Arte desde la(s) frontera(s).

O Grupo de Investigación HUM-742 D.E.Di.C.A. (*Desarrollo Educativo de las Didácticas en la Comunidad Andaluza*) realizará o XIII SIEMAI – Simpósio Internacional Educação Música Artes Interculturais e o VIII Encontro de Primavera de 23 a 26 de abril de 2014, no *Palácio de Congressos* da Ciudad Autónoma de Ceuta. Em preparação, a iniciativa acolherá desde já os investigadores e docentes que se lhe queiram associar desenvolvendo trabalhos inseridos na problemática do seu lema. Podem também ser apresentados trabalhos sobre questões relacionadas com a educação, as Artes e as Humanidades em geral, a interculturalidade e a educação intercultural, a educação para a cidadania e os Direitos do Homem, assim como com a educação com as artes.

As informações podem ser solicitadas para o seguinte endereço de correio electrónico:

encontroprimavera@gmail.com

Sphera Antiqua (2010). *Misión: Barroco Amazónico. Música de las misiones jesuíticas de los indios Chiquitos y Moxos*. Columna Música: Madrid.

Editado em 2010, este disco reúne un amplio repertorio de música barroca originaria de las misiones jesuíticas de estas comunidades del Amazonas mantenidas vivas por los indígenas, tras la expulsión de los jesuitas en 1767, sintiéndolas como propias

tras los años de relación y mutuos aportes. Es notable que se sigan interpretando en la actualidad.

Las piezas musicales son anónimas, contenidas en los archivos musicales de Moxos y Chiquitos, ambos en Bolivia, con la excepción de una pieza del ilustre músico barroco Domenico Zipolli, uno de los maestros jesuitas de estas reducciones.

Como señala el insigne musicólogo padre Piotr Nawrot a quien tanto adeuda la recopilación de este tesoro musical, las obras vocales están en sus lenguas originales ya que según los Concilios de Lima y México la evangelización de los indios hubo de hacerse en sus propias lenguas y dos o tres misioneros que conocían éstas, convivían con un alto número de indios –entre 3 y 5 mil– en las reducciones.

El repertorio es amplísimo y prácticamente reproduce las formas habituales del barroco europeo si bien integrando los rasgos específicos de los indígenas que no sólo componen obras en los estilos asimilados de sus maestros europeos sino que construyen instrumentos propios de la cultura occidental así como otros autóctonos usados, por cierto en esta singular grabación: bajones de hoja de palma y jerures, tambor moxeño, sonajas de pico de tucán, cascabel de serpiente, pezuñas y muchos más.

Sonatas, Pastoretas, Folías, piezas vocales constituyen el repertorio contenido en el disco.



El grupo Sphera Antiqua está constituido por: Pablo Gutiérrez y Javier Illán, encargados de los violines barrocos; Keiko Gomi, en el violonchelo barroco; Daniel Lorenzo, viola; Miguel Ricón, tiorba y guitarra barroca; Silvia Jiménez, contrabajo; Jorge López-Escribano, clave y órgano; Elíes Hernández y Daniel Bernaza, en los

bajones de palma y jerures; Daniel Garay, percusiones indígenas y europeas (a saber, el tambor moxeno, las sonajas de pico de tucán, chononos, cascabel de serpiente, pezuñas, pandereta, darbouka, crótalos, caxixi, shakers y sonajas de bambú y semillas).

En este disco, son acompañados por Soledad Cardoso (soprano), Florian Cousin (en el traveso), cabendo la dirección a Javier Illán y a Pablo Gutiérrez.

Encarnación López de Arenosa Díaz³
Fernando Sadio Ramos⁴

Borges, J. L. (1997). *El Aleph*. Madrid: Alianza Editorial.

Um texto magnífico, que orna como uma pedra preciosa o tesouro da literatura universal, saiu da pena do incomparável Jorge Luís Borges. Referimo-nos ao conto *El Aleph* que dá também o título a um volume que integra outros textos e que é acessível ao público Português, quer em tradução (na Editorial Estampa), quer no livro de bolso da Alianza Editorial, de Madrid, facilmente encontrável nas livrarias.

Argentino de nacionalidade, com ascendentes portugueses frequentemente reivindicados, a alma de Borges é, todavia, e por natureza íntima, universal e aberta às manifestações espirituais das mais diversas proveniências. A sua obra é das mais importantes do século XX e terá certamente um valor intemporal, para lá dos particularismos que o gosto literário apresenta e consagra. Esse valor é ainda reforçado pela contumaz recusa da Academia Sueca em lhe atribuir o Prémio Nobel da Literatura, na medida em não deita sobre a sua obra a mácula da suspeita relativa ao envolvimento de outros interesses que não os puramente literários e estéticos que vem afectando esse prémio nas últimas décadas.

A obra de Borges é atravessada pelo desejo e nostalgia de infinito e de eternidade. Ao homem cabe encontrar, nas realidades quotidianas com que se depara no seu trato com o mundo e com outrem, o infinito a que tudo pertence e que de algum modo os seres representam na sua singularidade e concreção limitada. Daí que nos seus textos qualquer coisa, por insignificante que seja, possa ser a ocasião de abertura das portas do infinito e que qualquer instante, por fugaz que seja, pode ser plenamente significativo quando nos revelam, subitamente, o sentido essencial da existência e o nosso ser mais autêntico. Esta sede de absoluto é constitutiva da alma

humana e é patente de modo assinalável nos místicos (v. g., Mestre Eckhart) e em outros vultos insígnies da literatura (v. g., W. Somerset Maugham e Hermann Hesse).

No caso do conto que temos em vista, o *Aleph* aparece como um ponto no espaço que contém todos os outros. Simboliza, assim, a presença de tudo em tudo, a repercussão de qualquer acontecimento no todo do cosmos, em suma, o microcosmos. O narrador é levado a contemplar um desses *Aleph* situado humildemente sob o degrau de uma escada. Nele se lhe revela a totalidade sob uma forma contraída e nesta espelha-se o sentido da vida individual. A inefabilidade dessa experiência é reconhecida explicitamente mas, apesar do desespero do escritor, algo nos é comunicado e que permite mostrar o Uno.

A motivação do conto de Borges reside no facto de o *Aleph*, primeira letra do alfabeto hebraico, significar para a Cabala o *En Soph*, a ilimitada e pura divindade.

Com ressaibos panteístas, o texto tem, todavia, o condão de nos mostrar a vinculação ontológica de tudo e a artificialidade e contingência dos limites da individualidade. Ecoam assim dos confins dos séculos as palavras de Heraclito, lembrando-nos que a sabedoria reside na correspondência ao Ser e em saber que *tudo é um* (B50, *apud* Heidegger, 1984: 249).

Fernando Sadio Ramos⁴

Referência

Heidegger, M. (1984). *Lógos*. In *Essais et Conférences*, 249-278. Paris: Gallimard.

¹ Doutora.

Instituto Politécnico de Coimbra (Portugal).

Email: mcandrade@esec.pt

² Doutor.

Universidade de Coimbra (Portugal). I&D LIF – Linguagem, Interpretação, Filosofia.

Email: joaquim.braga@yahoo.com

³ Catedrática.

Real Conservatorio Superior de Música de Madrid.

Email: elarenosa@telefonica.net

⁴ Doutorando.

Instituto Politécnico de Coimbra (Portugal).

Email: sadoramos@gmail.com